

Será o Benedito?
Livros à espera de improváveis leitores

Benedito, is that you?
Books expecting for improbable readers

Walter Melo

Resumo

O presente artigo tem como objeto de estudo parte da vasta biblioteca de Nise da Silveira, constituída por livros, de correntes teóricas variadas, sobre o estudo da expressão plástica, musical e literária. Esses livros versam, principalmente, sobre a produção de pessoas em tratamento psiquiátrico e vêm acompanhados por um fichário, denominado Benedito, que pode ser utilizado também como guia de estudos. O Benedito nos oferece informações sobre o método de trabalho desenvolvido por Nise da Silveira e a dificuldade encontrada para implementar tal método, cumprindo duas funções: delinear a escrita de Nise da Silveira e estabelecer um roteiro para futuros leitores.

Palavras-chave: Nise da Silveira; Museu de Imagens do Inconsciente; biblioteca

Abstract

This article presents a study of part of Nise da Silveira's great library, which contains books from a varied range of theoretical views about the study of plastic, musical and literary expressions. Such books deals mainly with the production of people going through psychiatric treatment and they are accompanied by a filing cabinet, named Benedito, that can also be used as a study guide. Benedito offers us information about the work method developed by Nise da Silveira and the difficulties found to implement such a method, performing two functions: to give outlines of Nise da Silveira's writings and establish a guide for future readers.

Keywords: Nise da Silveira; Museum of Images of the Unconscious; library

*“Pois lá em cima, no céu, não será o paraíso uma
imensa biblioteca?”*
Gaston Bachelard

Introdução

A biblioteca de Nise da Silveira ocupava a sala e os dois quartos do apartamento localizado acima daquele em que morava. As inúmeras pessoas que, ao longo dos anos, circularam por este local sentiam um misto de fascínio e estranheza, pois o apuro na seleção das centenas de livros contrastava com a simplicidade das estantes, feitas de tábuas de madeira apoiadas em tijolos. Na sala aconteciam as reuniões do *Grupo de Estudos C.G. Jung*, com os participantes sentados em bancos de madeira ao redor da mesa. O apartamento-biblioteca não abrigava somente os livros, pois havia também os gatos que circulavam com total liberdade. As prateleiras da sala estavam divididas em três partes: literatura, artes plásticas e filosofia. Um dos quartos abrigava recortes de jornais, catálogos de exposição, as obras completas de Antonin Artaud, de Machado de Assis e de Freud, além dos livros de medicina doados na ocasião do falecimento de seu amigo e companheiro de grupo de estudos Ewald Mourão¹. O outro quarto da casa, no qual Nise da Silveira estudava e escrevia, contava com livros de epistemologia, de religião, uma prateleira com livros sobre gatos, além das obras completas de Jung. Nesse quarto, um emblema também chamava a atenção: em cima da porta havia uma peneira de palha e dois abanos.

A peneira com os abanos remetia a uma lembrança de família, na qual uma tia de Nise da Silveira preparava um doce de laranja que, para ficar saboroso, possuía como segredo peneirar sete vezes e abanar para

manter a chama acesa. Este acessório da cozinha nordestina é tido por Nise da Silveira como o seu brasão, servindo de metáfora para a maneira como trabalhava.

De todas as prateleiras da seleta biblioteca, a mais importante e sobre a qual mais tempo de estudos Nise da Silveira dedicou o seu minucioso e apaixonado trabalho de pesquisa, é a que guarda os livros de diversos autores, de correntes teóricas variadas, que tratam dos estudos empreendidos sobre a expressão plástica, principalmente de pessoas que se encontram em tratamento psiquiátrico. Para facilitar o caminho a ser percorrido por um (improvável) pesquisador, Nise da Silveira elaborou uma lista de livros comentados ao qual deu o seguinte título: "PEQUENO FICHÁRIO RELATIVO A OBRAS SOBRE EXPRESSÃO PLÁSTICA DE PSICÓTICOS E ALGUMAS DICAS PARA O BENEDITO". Este foi o campo de trabalho privilegiado por Nise da Silveira e, sendo assim, ela se perguntava: "Quem será o Benedito que vai se interessar por estes livros?".

O nome Benedito, além de designar o leitor, ou melhor, a dificuldade de se encontrar um leitor, acabou por se tornar o apelido desse guia de estudos. O *Benedito* contém algumas importantes informações acerca do método de trabalho desenvolvido por Nise da Silveira. Estas informações nos são oferecidas no próprio objeto que nos é apresentado: trata-se de um pequeno caderno datilografado, confeccionado de maneira artesanal, que contém 49 páginas, incluindo a capa, sendo dividido em quatro seções: Freud e Estudos Psicanalíticos (da página 2 até 16); Jung e Estudos Junguianos (da página 18 até 23); Arteterapia (da página 25 até 33); e Estudos Psiquiátricos (da página 35 até 49). O título da primeira seção, referente à psicanálise, aparece impresso na capa, abaixo do título geral do fichário, que traz grifado o nome Benedito.

A partir das datas de publicação das obras indicadas² – que se estendem de 1929 (*A Expressão Artística nos Alienados* de Osório Cesar) até 1984 (*Art as Healing* de Edward Adamson) – e do primeiro contato que tive com este pequeno caderno, em 1990, podemos inferir que se trata de um guia elaborado entre os anos de 1984 e 1989, apesar de o fichário não conter nenhuma data que nos permita dizer com precisão quando foi confeccionado.

Este guia encontra paralelo no livro *Jung: vida e obra*, publicado em 1968, no qual Nise da Silveira elaborou um precioso roteiro de estudos ao final de cada capítulo, fazendo indicações bibliográficas e alguns comentários. Enquanto o roteiro do *junguinho*³ se estrutura, como é esperado, ao redor das concepções de C.G. Jung, o roteiro do *Benedito* abarca um amplo espectro de concepções teóricas, mesmo as que se encontram em posição diametralmente oposta às idéias de Nise da Silveira. Os estudos empreendidos no capítulo *Mundo Externo/Mundo Interno – Penetração no Mundo Interno* do livro *Imagens do Inconsciente* e no capítulo *O Mundo das Imagens*, do livro homônimo, constituem-se, em verdade, numa síntese de suas pesquisas das obras contidas no *Benedito*, levadas adiante durante décadas.

Freud e Estudos Psicanalíticos

O *Benedito* tem início com os artigos que compõem as obras completas de Freud em que são abordados temas relativos ao estudo das imagens. Da vasta obra de Freud são destacados os seguintes textos: *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente* (1905); *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen* (1907 [1906]); *Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância* (1910); *O Interesse da Psicanálise do Ponto de Vista da*

Ciência Estética (1913); *O Moisés de Michelangelo* (1913); *Os Caminhos da Formação do Sintoma* (1917 [1916-17]); *O Estranho* (1919); *Além do Princípio do Prazer* (1920); *O Ego e o Id* (1923); e *O Mal-Estar na Civilização* (1930 [1929]). Os comentários que se seguem apontam a tendência de a psicanálise tentar descobrir o material reprimido que se encontra disfarçado numa determinada imagem, necessitando das associações verbais para ser trazido para o campo da consciência: "As imagens constituem um meio muito imperfeito para tornar o pensamento consciente"⁴; "Como poderemos trazer à consciência os elementos reprimidos? recebe a resposta seguinte: restabelecendo, pelo trabalho analítico, esses membros intermediários pré-conscientes, que são as recordações verbais"⁵. Nise da Silveira destaca ainda a importância dada pela psicanálise à sublimação como um mecanismo de defesa capaz de transformar a libido em atividades aceitas e valorizadas socialmente, como a expressão artística e as pesquisas científicas.

Seguem-se os *Estudos Psicanalíticos*, que possuem Osório Cesar como representante brasileiro, num momento em que a psicanálise ainda "era quase totalmente desconhecida no Brasil"⁶: *A Expressão Artística nos Alienados* (1929); *A Arte nos Loucos e Vanguardistas* (1934); *Simbolismo Místico nos Alienados* (1949); *Contribution à l'Étude de l'Art chez les Alienés* (1951); e *Os Místicos dos Hospícios* (1952). As interpretações dadas por Osório Cesar enfatizam a realização de desejos através de disfarces do órgão sexual masculino em "objetos afilados ou pontiagudos" (Cesar, 1949, pp. 54-55) e do órgão sexual feminino em "objetos esféricos" (idem, p. 60).

Os Estudos Psicanalíticos seguem com os autores estrangeiros:

- Abraham (*Giovanni Segatini: un estudio psicoanalítico* – 1911);
- Groddeck (*La Maladie, l'Art et le Symbole* – 1969);

- livro organizado por William Phillips (*Art and Psychoanalysis* – 1957);
- Baudouin (*Psicoanalisis del Arte* – 1946);
- Schneider (*The Psychoalyst and the Artist* – 1954);
- Goitein (*Art and the Unconscious* – 1948);
- Pickford (*Studies in Psychiatric Art* – 1967);
- Waelder (*Psychoanalytic Avenues to Art* – 1965);
- Sechehaye (*La Réalisation Symbolique* – 1947; e *Journal d'une Schizophrène* – 1950);
- Frieda Fromm Reichmann (*Remarks on the Philosophy of Mental Disorder* – 1949, texto que se encontra no livro *A Study of Interpersonal Relations*, organizado por P. Mullahy);
- Marion Milner (*On Not Being Able to Point* – 1957;⁷ *Psychoanalysis and Art* – 1958, artigo incluído no livro *Psychoanalysis and Comtemporany Thought*; e *The Hands of the Living God* – 1969);
- Ernst Kris (*Psychoanalytic Explorations in Art* – 1952);
- Eissler (*Leonardo da Vinci* – 1962);
- Adrian Stokes (*La Pintura y el Mundo Interior* – 1967, estudo com base nos conceitos desenvolvidos por Melanie Klein);
- Melanie Klein (*Envy and Gratitude* – 1957);
- Otto Rank (*Art and Artist* – 1932);
- Robert Volmat (*L'Art Psychopathologique* – 1956);
- Wiart (*Expression Picturale et Psychopathologie* – 1967; e *Fol Art? Folle Therapie?* – 1980);
- Denner (*L'Expression Plastique* – 1967).

No *Benedito* constam pequenos comentários de Nise da Silveira sobre alguns desses livros, a partir dos quais daremos destaque a quatro autores: Sechehaye, Ernst Kris, Eissler e Wiart.

Nise da Silveira faz quatro referências ao método de *realização simbólica* desenvolvido por Sechehaye e, apesar de a autora se encontrar

na seção de estudos psicanalíticos, na qual a maior parte dos textos valoriza a linguagem verbal como meio de se trazer à consciência os conteúdos expressos através da linguagem plástica, Nise da Silveira utiliza três destas referências, exatamente na ordem em que se encontram no *Benedito*, no livro *O Mundo das Imagens* (no item em que discorre sobre o método desenvolvido no Museu de Imagens do Inconsciente).

Diante da dificuldade em manter uma comunicação verbal com as pessoas que se encontram em tratamento e frente à linguagem direta que se configurava nos ateliês de pintura e de modelagem, Nise da Silveira privilegia a segunda forma de comunicação. Percepção semelhante teve Sechehaye, que substitui as interpretações verbais pelo método de realização simbólica:

"1 – Quando explico a Renée, de modo verbal, o simbólico de seus pensamentos e de seus sintomas e tento traduzi-los em termos racionais, ela não me compreende. Para ela é como se fosse chinês. Em lugar de convencê-la e acalmá-la, minhas eruditas interpretações a perturbavam e exasperavam. 2 – Deduzi que não falávamos a mesma língua; 3 – Era pois necessário falar sua linguagem e não mais a minha"⁸ (Sechehaye *apud* Silveira, 1992, p. 93).

Em relação a Ernst Kris, Nise da Silveira indica principalmente a leitura da segunda parte do livro *Psychoanalytic Explorations in Art*, intitulada *The Art of the Insane*. Mais uma vez fica claro que o *Benedito* funciona como um fichário, pois, ao organizar as leituras, delineia também a escrita. Nise da Silveira utiliza no livro *Imagens do Inconsciente* tanto a citação da página 169 do livro de Kris contida no *Benedito* – "o artista psicótico cria a fim de transformar a realidade; ele não procura

comunicação e suas formas de expressão permanecem sempre as mesmas desde que o processo psicótico haja atingido certa intensidade" – quanto as observações que fez:

"Na análise dos desenhos de Opicinus de Canastris, artista psicótico da Idade Média, bem assim nos desenhos de um engenheiro contemporâneo, esquizofrênico, Kris encontra idêntica significação: ambos desenhavam para construir mundos fantásticos que eles conseguissem apreender e governar. Os desenhos teriam a função de concretizar, confirmar e reforçar magicamente idéias delirantes"⁹ (Silveira, 1981, p. 134).

Nise da Silveira indica, ainda, a discordância de Jung em relação à concepção defendida por Kris de que a produção pictórica de Opicinus de Canistris funciona como reforço para suas idéias delirantes, pois, de acordo com Jung, as imagens pintadas por Opicinus Canistris funcionariam "como instrumento de união de opostos" (Jung, 2000 [1941], p. 176).

Referindo-se ao livro *Leonardo da Vinci*, de Eissler, Nise da Silveira destaca a importância do quadro de Leonardo da Vinci, intitulado *A Virgem, o Menino Jesus e Sant'Anna*, pelo fato de ter servido de base para o estudo de Freud, no qual este chega à conclusão de que a pintura sintetiza a história da infância do gênio das artes plásticas. De acordo com Eissler, porém, o quadro está para além da vida pessoal de Leonardo, pois representa o tema "das três gerações, unidas na maneira típica iconográfica definida pelo termo Anna Metterza"¹⁰. Esta citação de Eissler, referente a uma nota de rodapé da página 37 anotada por Nise da Silveira no *Benedito*, não está presente no livro *Imagens do Inconsciente*, quando, na página 115, Nise da Silveira faz referência ao estudo de Freud, mas

encontra-se na página 85 do livro *O Mundo das Imagens*, onde este assunto é desenvolvido de maneira mais detalhada.

O quarto autor que merece destaque nos *Estudos Psicanalíticos* é Wiart. O primeiro trabalho de Wiart é um livro (*Expression Picturale et Psychopathologie*) e o segundo, um artigo (*Fol Art? Folle Therapie?*) da revista *Psychologie Médicale*. Os comentários contidos no *Benedito* dizem respeito principalmente ao livro, que expõe o método de analisar a expressão plástica através da *análise lingüística*, notadamente pelas figuras metafóricas e metonímicas. Esta obra não é utilizada, no entanto, nenhuma vez nos livros de Nise da Silveira, aparecendo a citação da página 12, contida no *Benedito*, de *Fol Art? Folle Therapie?*, na página 84 do livro *O Mundo das Imagens*, reforçando a conclusão da maioria dos psicanalistas de que a linguagem plástica funciona como meio de expressão que deve ser, no curso do tratamento, complementada pela linguagem verbal: "será necessário que a pessoa que pinta venha a falar. Se utilizamos a pintura é justamente porque o doente se encontra numa situação em que, devido à inibição neurótica ou a fechamento esquizofrênico, não pode falar"¹¹.

Jung e Estudos Junguianos

O fichário de Nise da Silveira segue com os estudos empreendidos por Jung. Inicialmente, são catalogados os textos do médico suíço sobre a expressão plástica e a literatura: *Os Objetivos da Psicoterapia* (1929)¹²; *Relação da Psicologia Analítica com a Obra de Arte Poética* (1922)¹³; *Psicologia e Poesia* (1930)¹⁴. O fichário contém também duas cartas de Jung a Herbert Read, de setembro e de outubro de 1960, e uma extensa

citação de Jung, que foi utilizada na página 135 do livro *Imagens do Inconsciente*.

As anotações contidas nas páginas 19 e 20 do *Benedito*, acerca da interpretação das imagens a partir do ponto de vista de Jung, constituem a base para a maior parte dos estudos efetuados tanto em *Imagens do Inconsciente* quanto em *O Mundo das Imagens*¹⁵. A ênfase recai sobre a constatação de que o ato de plasmar imagens constitui, por si só, um poderoso agente terapêutico, fazendo com que o sujeito saia, aos poucos, de uma situação de caos psíquico e, através das forças autocurativas da psique, configure seu processo de reordenação. Outro ponto de suma importância diz respeito ao estudo da mitologia como instrumento fundamental no acompanhamento dos temas que surgem nas imagens do inconsciente, caracterizando o símbolo como um transformador de energia psíquica. Em seguida, são indicados mais dois textos de Jung: *A Energia Psíquica* (1928)¹⁶ e *A Esquizofrenia* (1958)¹⁷.

Depois de abordar a função que Jung atribui à expressão artística em seu método de tratamento, Nise da Silveira concede especial atenção aos "trabalhos de Jung nos quais ele faz interpretação de imagens"¹⁸: *Estudo Empírico do Processo de Individuação*; *O Simbolismo da Mandala*¹⁹; *Comentário a "O Segredo da Flor de Ouro"*; *As Visões de Zósimo*; e *A Árvore Filosófica*²⁰ - além de textos contidos na *Revista Spring* entre os anos de 1960 e 1969.

Os estudos junguianos fecham esta seção:

- Neumann (*Art and the Creative Unconscious* e *The Archetypal World of Henry Moore* – ambos de 1959);
- Fordhan (os capítulos 5 e 6 do livro *New Developments in Analytical Psychology* – 1957);
- Perry (*The Self in Psychotic Process* – 1953; e o capítulo 2 do livro *The Far Side of Madness* – 1974);

- Baynes (*Mythology of the Soul* – 1949);
- Wickes (*The Inner World of Man* – 1950);
- Morris Philipson (*Outline of a Jungian Aesthetics* – 1963);
- Maud Bodkin (*Archetypal Patterns in Poetry* – 1963).

Apesar de não constar nenhum comentário a estas obras no *Benedito*, vale frisar que o livro *The Self in Psychotic Process*, de John Perry, possui prefácio de Jung, no qual este o saúda "como o mensageiro de um tempo em que a psique do doente mental vai ser alvo do interesse que merece" (Jung, 1997 [1935], p. 353) e no qual lamenta que, no período em que atuou como assistente de Bleuler no hospital Burghölzli, lhe faltasse "uma *real psicopatologia*, uma ciência que mostrasse o que estava acontecendo na mente durante uma psicose" (idem, p. 351 – grifo no original). Este trecho é citado por Nise da Silveira na página 98 do livro *Imagens do Inconsciente*, no qual Perry passa a ser referência constante, principalmente da página 111 à 113, onde são resumidas as idéias do psiquiatra californiano acerca da esquizofrenia, e como introdução ao tema psicológico da "constante tendência a renascer" (Silveira, 1981, p. 177), apresentada mesmo nos quadros mais graves de dissociação, assim como no livro *O Mundo das Imagens*:

"Perry trabalhou como psicoterapeuta junto a doze jovens esquizofrênicos (...) e chegou à conclusão de que todos vivenciaram um tema mítico principal, que se apresentava em fragmentos, como se visto através de um caleidoscópio. O tema mítico estudado por Perry é o da *renovação do reino*, que se revelam em imagens e rituais arcaicos de renovação na sintomatologia de seus doentes" (Silveira, 1992, p. 97 – grifo no original).

Os estudos junguianos contam ainda com uma coletânea de textos de diversos autores (*The Collective Unconscious in Literature* – 1958), com o próprio *Imagens do Inconsciente* (1981) e com um livro da professora de artes Seonaid Robertson (*Rosegarden and Labyrinth* – 1963).

Arteterapia

A terceira seção do *Benedito* é dedicada à *Arteterapia*, em que se destaca a obra de Margaret Naumburg. Ao contrário das duas seções anteriores, esta parte começa com comentários que traçam as diferenças de abordagem desenvolvida na arteterapia e no método de Nise da Silveira. Em primeiro lugar, Nise da Silveira afirma seu descontentamento com a palavra arte quando empregada em ambiente terapêutico, pois "a palavra arte tem conotações de valor, de qualidade estética"²¹ (Silveira, 1992, p. 92). Em segundo lugar, é apontada como principal diferença o fato de, na arteterapia, as atividades serem *dinamicamente orientadas*, enquanto nos ateliês coordenados por Nise da Silveira as atividades serem de livre expressão. As observações contidas no *Benedito* concernentes à arteterapia encontram-se resumidas nas páginas 92 e 93 do livro *O Mundo das Imagens* e, apesar de Nise da Silveira listar uma série de autores no *Benedito*, no texto publicado somente Margaret Naumburg é citada. Em seguida a estas breves observações, Nise da Silveira inclui as seguintes obras no fichário, invariavelmente seguidas por comentários:

- Margaret Naumburg (*Studies of the "Free" Art Expression of Behavior Problem Children and Adolescents as a Means of Diagnosis and Therapy* – 1947; *Schizophrenie Art: its meaning in psychotherapy* – 1950; *Psychoneurotic Art: its function in psychotherapy* – 1953; *Spontaneous*

Art in Psychotherapy – 1963;²² *Dynamically Oriented Art Therapy: its principles and practice* – 1966, principalmente a introdução);

- Ainslie Meares (*The Door of Serenity* – 1958);
- Regina Chagas Pereira (*A Espiral do Símbolo* – 1976);
- Harris, J. & Cliff, J. (*Murals of the Mind* – 1973);
- Hans Prinzhorn (*Bildnerei der Geisteskranken* – 1922; e sua tradução inglesa *Artistry of the Mentally Ill* – 1972);

Apesar de Prinzhorn não se valer dos métodos da arteterapia, delimitando um campo próprio de atuação baseado no princípio da configuração desenvolvido da psicologia da Gestalt, é o autor que encerra a seção destinada à Arteterapia no *Benedito*. Logo no início do livro *Imagens do Inconsciente* (1981, p. 15), porém, sua obra aparece como uma das raras exceções no campo psiquiátrico, já que não enfatiza chavões que caracterizam as obras produzidas como *arte psicótica* ou *psicopatológica*. Prinzhorn mantém-se independente tanto da estética (arte) quanto da psiquiatria (psicótica ou psicopatológica), interessando-se somente pelos "princípios formais de configuração que se manifestavam nas pinturas"²³. No segundo capítulo de *Imagens do Inconsciente*, no momento em que é discutido o tema fundamental da inerente tendência à reordenação psíquica, configurada no símbolo da mandala, as idéias de Prinzhorn são utilizadas para, por assim dizer, sublinhar as novas perspectivas de trabalho que se abriam a partir de então: "Esta tendência à ordem, diz Prinzhorn, tem caráter compulsivo e está vinculada, bem como a tendência ao jogo, à necessidade de expressão que é um impulso obscuro, involuntário, fundamental, inerente à psique" (Silveira, 1981, p. 55). No entanto, é no quinto capítulo do livro *O Mundo das Imagens*, que tem como objetivo "marcar algumas posições (...) para a focalização das configurações criadas espontaneamente por

indivíduos que estão vivendo estados especiais do ser que os impedem de serem aceitos no tipo vigente de sociedade" (Silveira, 1992, p. 88), que, nas páginas 87 e 88, as anotações feitas no *Benedito* em relação à obra de Prinzhorn são desenvolvidas.

Estudos Psiquiátricos

O *Benedito* é finalizado com a seção intitulada *Estudos Psiquiátricos*. Trata-se de uma extensa lista de trabalhos, das mais variadas tendências, que surgem citados ao longo da obra de Nise da Silveira e que, no quinto capítulo do livro *O Mundo das Imagens*, ao lado de Freud, Jung, Prinzhorn, Robert Volmat e do movimento de Arteterapia, serão destacados, somando-se os trabalhos efetuados pelo Museu de Arte Bruta, por Leo Navratil e pelo artista plástico inglês Adamson:

- Fursac (*Les Écrits et le Dessins dans les Maladies Nerveuses et Mentales* – 1905);
- Antheaume, A. & Dromard, G. (*Poesia y Locura*)²⁴;
- Reitman (*Psychotic Art* – 1951; *Insanity, Art and Culture* – 1954);
- Cunningham Dax (*Experimental Studies in Psychiatric Art* – 1953);
- Nise da Silveira (*Contribuição ao Estudo dos Efeitos da Leucotomia sobre a Atividade Criadora* – 1955)²⁵;
- Plokker (*Art from the Mentally Disturbed* – 1964);
- Jean Vichon (*L'Art et la Folie* – 1950; *La Magie du Dessin* – 1959);
- Henri Ey (*La Psychiatrie Devant le Surrealisme* – 1947; e o prefácio do número 4 de *Entretiens Psychiatriques* – 1955);
- Irène Jakab (*Dessins et Peintures des Aliénés* – 1956);
- Jaspers (*Strindberg et van Gogh* – 1953);

- Françoise Minkowska (*Evolution Psychiatrique*, fase 5 – 1933; e o catálogo da exposição no Musée Pédagogique/Paris – *De van Gogh et Seurat aux Dessins d'Enfants* – 1949);
- Minkowski (*La Schizophrénie* – 1953, principalmente o capítulo VI);
- Doiteau, V. & Le Roy, E. (*La Folie de Vincent van Gogh* – 1928);
- Graetz, H.R. (*The Symbolic Language of Vincent van Gogh* – 1963);
- Van Gogh (*Lettres de Vincent van Gogh à son Frère Théo* – 1953);
- Guy Vogelweith (*Strindberg* – 1973);
- Morgenthaler (*Eingeisteskrankter als Künstler* – 1921);
- L'Art Brut (fascículo 2 – *Adolf Wolfli* – 1964);
- Michel Thévoz (*L'Art Brut* – 1975);
- Leo Navratil (*Esquizofrenia y Arte* – 1972 [1955]);
- Alfred Bader (*Images de la Folie Miroir de l'Âme Humaine* – 1961, texto que se encontra na coletânea *Petits Maîtres de la Folie*);
- Roger Cardinal (*Outsider Art* – 1972);
- Adamson (*Art as Healing* – 1984);

Dessa extensa lista bibliográfica vamos privilegiar as anotações feitas por Nise da Silveira acerca de sete autores: Reitman, Cunningham Dax, Plokker, Jean Vichon, Françoise Minkowska, Leo Navratil e Edward Adamson.

Como pode ser observado pelo título da primeira obra de Reitman – *Psychotic Art* –, trata-se de uma abordagem completamente diversa da empreendida por Prinzhorn, anteriormente analisada em *Estudos Psicanalíticos*. As anotações feitas por Nise da Silveira no *Benedito* constituem o seguinte parágrafo do livro *Imagens do Inconsciente*: "F. Reitman, que em *Psychotic Art* estudou a expressão plástica de esquizofrênicos, considera 'imenso seu valor diagnóstico', porém lhe nega qualquer validade terapêutica. A produção plástica se lhe afigura sempre

'tentativa de adaptação do doente e uma apreensão distorcida da realidade'" (Silveira, 1981, p. 133). Esta abordagem do estudo das imagens, preponderante no campo psiquiátrico, encontra-se em posição diametralmente oposta à de Nise da Silveira, para quem o valor terapêutico do ato de plasmar imagens é o ponto central do trabalho desenvolvido nos ateliês do Museu de Imagens do Inconsciente e na Casa das Palmeiras.

Em relação ao trabalho com música, Nise da Silveira refere-se, principalmente, aos capítulos V e VI da obra de Cunningham Dax, na qual pesquisa os "efeitos da música através da pintura"²⁶. Esta experiência foi repetida no ateliê de pintura do Museu de Imagens do Inconsciente nos anos de 1955, 1957, 1959 e 1960²⁷, sob a coordenação de Ruth Loureiro (monitora de música) e de Elza Tavares (monitora de pintura), "dando origem a dois albuns: música erudita e música popular"²⁸.

Se Dax adota posições convergentes em relação ao trabalho desenvolvido por Nise da Silveira, Plokker, por sua vez, defende posições opostas, pois afirma que a livre expressão constituir-se-ia como fator de maior distanciamento do doente mental em relação à realidade. Neste caso, Plokker orienta que se ofereça material para ser copiado: naturezas-mortas, flores, retratos, paisagens etc.

Em relação a Jean Vichon, apesar de Nise da Silveira não fazer qualquer referência a esse autor em suas obras, no *Benedito* recomenda a leitura tanto de *L'Art et la Folie* quanto de *La Magie du Dessin*, que "encerram grande erudição"²⁹ - principalmente o quinto capítulo de *La Magie du Dessin*, que aborda o tema da mandala.

As observações de Nise da Silveira sobre a obra de Minkowska dizem respeito à criação de uma tipologia baseada no teste de Rorschach, em que "o mais importante é o comportamento do indivíduo em relação ao ambiente e seu modo de ver o mundo"³⁰. Esta maneira de ver o mundo

estaria refletida na expressão plástica, de acordo com o tipo da pessoa: racional ("caracterizado pela separação) – Spaltung - e mobilização, detalhes diferenciados, porém isolados"³¹); e sensorial ("caracterizado pela aproximação, ligação, movimento e, muitas vezes, pela imprecisão da forma"³²). Ao tipo racional, Minkowska identifica a maneira como o esquizofrênico vê o mundo, enquanto o tipo sensorial corresponderia à visão do epilético. Ao analisar a vida e produção de van Gogh, a autora enquadra-o no tipo sensorial, de "constituição epileptóide"³³.

As anotações contidas no *Benedito* serviram de base para o texto que se encontra nas páginas 91 e 92 do livro *O Mundo das Imagens*, em que são resumidas as principais idéias de Navratil: "a força criadora, fator principal na criação artística, está também presente nos esquizofrênicos. Nesses doentes, a força criadora é inerente à doença, é um *sintoma* da doença e uma tentativa de restauração da psique"³⁴ (Silveira, 1992, p. 91 – grifo no original). À psiquiatria clínica, Navratil junta os estudos referentes aos estilos artísticos, chegando à conclusão de que a expressão plástica dos esquizofrênicos "aproxima-se do maneirismo"³⁵. A anotação do *Benedito* que termina com um ponto de exclamação não foi utilizada no livro: diz que Navratil "usa largamente do eletrochoque, até dois choques no mesmo dia!"³⁶.

As anotações feitas no *Benedito* foram utilizadas para compor o texto que se encontra na página 92 do livro *O Mundo das Imagens*, narrando a construção de um ateliê de livre expressão no Netherne Hospital/Inglaterra. Edward Adamson esteve a frente do estudo das obras plásticas produzidas por doentes mentais pelo viés artístico de 1946 até 1980, quando se aposentou. Nesse momento, o ateliê foi fechado e, na sala que servia para expor de maneira didática as obras produzidas, foram instalados aparelhos de fisioterapia. As sessenta mil obras que

compunham o acervo foram adquiridas por Mirian Rothschild, que abriu em sua residência, próxima a Cambridge, uma galeria destinada à visitação pública.

Nise da Silveira faz uma última observação no fichário³⁷: "Esteja vigilante, Benedito, na defesa do seu Museu (M.I.I.) e seu atelier livre!"³⁸.

Conclusão

O fichário elaborado por Nise da Silveira começa denominando o leitor pelo nome Benedito, caracterizando a dificuldade de encontrar pesquisador interessado no estudo das imagens. Esta atitude incrédula foi se formando ao longo dos vários anos de trabalho, pois percebia, atordoada, que contrastando com a arrebatadora paixão que possuía pelos estudos sobre obras que diariamente a surpreendiam, havia uma tendência geral dos demais profissionais de saúde a ignorar os meandros da organização intrapsíquica que se apresentava em longas séries de imagens do inconsciente. Tal contraste de atitudes frente às produções de pessoas que vivenciavam *estados do ser inumeráveis e cada vez mais perigosos* é evidenciado pela seguinte situação: Nise da Silveira chega para mais um dia de trabalho no antigo Centro Psiquiátrico Pedro II³⁹, trazendo, no entanto, um pano amarrado na cabeça; a cena causa estranheza nos demais funcionários, que passam o dia perguntando se ela está com caxumba ou dor de dente; Nise da Silveira nada responde, até que, na reunião de equipe, quando a curiosidade de todos já estava extremamente acesa, diz que amarrou o pano na cabeça pelo fato de estar com medo de o seu queixo cair diante das imagens, enquanto a maioria das pessoas passava em frente aos quadros e nem mesmo lhes lançava um olhar.

Tamanho desinteresse deixou-a incrédula. Mas não a impediu de trabalhar na organização do fichário e mesmo de chegar a ver alguns benditos se interessarem pelos temas abordados nos livros que constam no fichário. Quando o Benedito avança na leitura do *Benedito*, se defronta com uma variedade de autores, com tendências teóricas diversas. O objetivo do Museu de Imagens do Inconsciente segue o princípio da diversidade: "A pesquisa no museu é marcadamente interdisciplinar, permitindo assim uma troca constante entre experiência clínica, conhecimentos teóricos de psicologia e de psiquiatria, antropologia cultural, história, arte, educação" (Silveira, 1992, p. 94). Alguns dos autores indicados no fichário podem surpreender o Benedito, pois seguem diretrizes de trabalho dos quais Nise da Silveira discorda com veemência. Ao utilizar, em *Imagens do Inconsciente*, parte desses autores dos quais diverge, Nise da Silveira pede desculpas ao leitor pela longa série de citações, mas justifica-se dizendo que adotou "como norma a conduta que Darwin chamava 'regra de ouro': tomar nota cuidadosamente das opiniões contrárias à opinião que nós defendemos" (Silveira, 1981, p. 133).

Ao longo do fichário são oferecidas anotações que servem como guia de estudos. À medida que as leituras avançam, constitui-se uma sólida base teórica. Como a teoria não está dissociada da prática, ao final do *Benedito* se chama a atenção do leitor para que o trabalho seja mantido e, para tanto, a constituição de um arcabouço teórico é de fundamental importância.

Ao terminar as leituras, o Benedito deve se dar conta da importância de se manter o acervo de pinturas. O mais importante, no entanto, é não esquecer que o acervo possui caráter terapêutico, não sendo mero objeto de estudo, mas devendo ser preservado devido à função de integrar o conhecimento adquirido pelo terapeuta às vivências mais íntimas e, por

vezes, mais sofridas dos autores das imagens. Podemos inferir isso da maneira como o fichário foi montado, com a recomendação dada ao Benedito, ao final de todas as indicações bibliográficas, de que os trabalhos desenvolvidos no Museu de Imagens do Inconsciente e na Casa das Palmeiras somente serão mantidos e terão condições de ser ampliados caso a pesquisa permaneça estreitamente vinculada à prática. Daí a pergunta sempre repetida por Nise da Silveira: "Quem será o Benedito que vai ler esses livros?". Caso nenhum outro Benedito apareça, a materialidade do fichário e de todos os livros que nele constam não deixará de existir, mas "será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para dele fazer uso, para inscrevê-lo na memória ou para transformá-lo em experiência?" (Chartier, 1999, p. 154).

As leituras que se faz, assim como o ato da escrita, são atitudes criativas, nas quais o sujeito reelabora conceitos, ao invés de simplesmente utilizá-los mecanicamente como entidades fechadas em si. Com as dicas oferecidas ao Benedito e as pesquisas daí advindas, escapamos da "onipresença das 'influências'" (Neves, 1998, p. 64), na qual todos os autores poderiam ter um laço de causalidade com todos os outros. Este laço estaria sob a égide da passividade/atividade, pois determinado autor receberia a influência de outro e influenciaria um terceiro, e assim por diante. Se entendermos a leitura como um ato, como uma práxis - garantindo, enfim, a sua positividade -, visualizaremos, ao invés de um amálgama de influências, um espaço de embates no qual não só se escreve com um lápis na mão, mas também se lê... com um lápis na mão.

O ato da leitura está impregnado de marcações, de anotações, de palavras sublinhadas, outras tantas grifadas; enfim, trata-se de uma atividade dialógica. As marcações que se faz na margem de um texto, as anotações nas páginas de um caderno, os trechos sublinhados são maneiras de se imprimir entonação ao texto que se lê. Essas acentuações

são diferentes para cada leitor, que tem a possibilidade de deixar sua marca, de ler de maneira criativa e intensa, a exemplo de um intérprete que confere um colorido próprio à música que traz notas musicais impressas na partitura. Dessa forma, quando um autor faz uma citação, pressupõe um árduo trabalho (cf. Compagnon, 1979), e não apenas uma repetição que denota automatismo e passividade. Ao tipo de leitura altamente ativa, Nise da Silveira deu o nome de *capinar*: "usava muito esta expressão, tem que capinar muito, se referindo ao estudo sistemático" (Ferreira, 2001, p. 95).

Gilza Prado, que durante muitos anos colaborou com o trabalho de Nise da Silveira, principalmente na atividade de arranjo floral na Casa das Palmeiras, ao detalhar alguns aspectos da relação de Nise da Silveira com o trabalho, relembra que a médica sempre repetia: "É preciso capinar, capinar". O método de trabalho desenvolvido por Nise da Silveira não cria rígidos modelos a serem seguidos:

"A sua era uma ciência não aferrada a uma base única mas num modelo intercambiável de propostas em que se incluíam a poesia, a literatura, o teatro, a música. Baseada, então, nessa interconexão de múltiplos modelos de trabalho criativo e prazeroso, construía suas hipóteses verificando-as pela aplicação e teorizando" (Prado, 2001, p. 108).

O fichário indica as leituras dos livros e textos referentes aos diversos métodos para lidar com as imagens plasmadas por pessoas que se encontram em tratamento psiquiátrico. Trata-se de uma parcela da ampla biblioteca de Nise da Silveira. Ao adquirir, armazenar e catalogar tantos livros, Nise da Silveira não estava imbuída do velho sonho acalentado pelo

mito de Alexandria: reunir todo saber constituído pelo ser humano. Os livros, em seu caso, não eram provas de sabedoria, pois as palavras lhe *feriam a sensibilidade*, as teorias lhe serviam como *ferramentas* e os livros como extensos campos que, antes de darem os grãos da colheita, deveriam ser *capinados*. A biblioteca de uma operária, e não de uma deusa da razão.

A leitora Nise da Silveira foi se transformando, aos poucos, em personagem. Personagem de memórias, personagem de ficção. Nise da Silveira já foi tema de um monólogo teatral com a atriz Berta Zemel, dirigido por Luiz Valcazaras (*Anjo Duro*). A extinta TV Manchete levou ao ar a novela *Kananga do Japão*, dirigida por Tizuka Yamazaki, que se passa no período da ditadura Vargas, aparecendo o personagem Nise da Silveira em diálogo com o personagem Olga Benário dentro da prisão. No entanto, o principal autor que transformou Nise da Silveira tanto em personagem quanto em musa inspiradora foi Graciliano Ramos. Dois importantes textos de Graciliano Ramos fazem referência a Nise da Silveira: *Memórias do Cárcere* (livro de memórias em que o autor se refere à médica de maneira extremamente carinhosa) e *A Terra dos Meninos Pelados* (conto infantil que tem como personagem principal a Princesa Caralâmpia, baseada em Nise da Silveira e em seu poder imaginativo) (cf. Melo, 2005).

O personagem Nise da Silveira vai, aos poucos, sendo amplificado, ganhando conotações míticas. Neste caso, são imagens invariavelmente belas, que suspendem o tempo. A potência do mito Nise da Silveira se faz presente nas intensidades que se pode observar nos campos cultivados por quem tanto capinou. Mas, se as mãos já não existem para fazer anotações e escrever comentários, resta-nos, ao menos, o convite aos possíveis Beneditos.

A autora Nise da Silveira também está presente, pois, no fichário, são indicadas duas obras da própria Nise da Silveira: o livro *Imagens do Inconsciente* e o texto sobre os efeitos da psicocirurgia sobre a capacidade criadora.

Ampliando ainda mais suas referências de estudo, podemos ler duas referências a Machado de Assis: para explicar o conceito de persona no livro *Jung: vida e obra* (Silveira, 1968), utiliza o conto *O Espelho*, que narra o desespero de um alferes que, de tão identificado com seu cargo militar, somente reconhecia sua imagem no espelho se estivesse com a farda, do contrário seu rosto ficava distorcido e desaparecia em transfigurações; e na introdução à inédita revista *Quaternio – A Morte da Criança Imortal: o extermínio de meninos de rua* (Silveira, 1993) – na qual aborda o tema dos opostos bem/mal -, o conto *A Igreja do Diabo* serve-lhe de exemplo, pois o diabo monta uma igreja para incentivar o pecado e combater as formas de solidariedade, mas, de maneira surpreendente, o contrário ocorre. O número de leitores pode ser ampliado ainda mais quando se entra em contato com os textos de Nise da Silveira sobre Antonin Artaud e Baruch Spinoza, autores presentes na biblioteca de Nise da Silveira e de possíveis Beneditos.

Walter Melo
Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ)
wmelojr@gmail.com

Referências Bibliográficas

CESAR, Osório. (1949). *Simbolismo Místico nos Alienados*. São Paulo: Departamento de Cultura.

CHARTIER, Roger. (1999). *A Aventura do Livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp/Imprensa Oficial.

COMPAGNON, Antoine. (1979). *La Seconde Main ou le Travail de la Citacion*. Paris: SEUIL.

ECO, Umberto (org.). (2004). *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Record.

FERREIRA, Ademir Pacelli. (2001). Na Seara de Nise, *Quaternio*, nº8, p. 58-59.

FREUD, Sigmund. (1923). O Ego e o ID. *CD-ROM Freud*. Volume XIX.

JUNG, C.G. (1997 [1935]). Fundamentos de Psicologia Analítica. in.: *A Vida Simbólica*. Petrópolis: Vozes. p. 15-185.

_____. (2000 [1941]). A Psicologia do Arquétipo da Criança. in.: *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petropolis: Vozes. p. 151-180.

MELO, Walter. (2005). Nise da Silveira: memória e ficção na obra de Graciliano Ramos, *Advir*, nº 19, p. 139-144.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. (2003b). Da Teoria das Influências. in.: *a Construção do Discurso Científico*. Rio de Janeiro: EdUERJ. p. 64-68.

PRADO, Gilza. (2001). Nise da Silveira e o Trabalho ("É preciso capinar, capinar"), *Quaternio*, nº8, p. 106-108.

SILVEIRA, Nise da. (1966). 20 Anos de Terapêutica Ocupacional em Engenho de Dentro (1946-1966), *Revista Brasileira de Saúde Mental*, Volume X, p. 19-161.

_____. (1968). *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1979). *Teoria e Prática da T.O.* Rio de Janeiro: Casa das Palmeiras.

_____. (1981). *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra.

_____. (1984?). *Pequeno Fichário Relativo a Obras sobre Expressão Plástica de Psicóticos e Algumas Dicas para o Benedito*. Rio de Janeiro: mimeo.

_____. (1992). *O Mundo das Imagens*. São Paulo: Ática.

_____. (org.). (1993). *A Morte da Criança Imortal: o extermínio de meninos de rua*. mimeo.

¹ Ewald Soares Mourão faleceu no dia 19 de setembro de 1972 e, por disposição testamentária, legou sua biblioteca ao Grupo de Estudos C.G. Jung.

² As obras indicadas aparecem com o nome do autor, o título e a data, sem constar o nome da editora.

³ Nise da Silveira denominava junguinho, carinhosamente, o livro *Jung: vida e obra*.

⁴ Esse texto de Freud encontra-se tanto na página 3 do *Benedito* quanto na página 133 do livro *Imagens do Inconsciente*, sendo traduzido por Nise da Silveira diretamente da versão espanhola das obras completas. A versão brasileira é traduzida da seguinte maneira: "Pensar em figuras, portanto, é apenas uma forma muito incompleta de tornar-se consciente" (Freud, 1923)

⁵ Esta citação de Freud encontra-se na página 3 do *Benedito* e é utilizada por Nise da Silveira, com pequenas variações, na página 83 do livro *O Mundo das Imagens* da seguinte maneira: "Os conteúdos reprimidos no inconsciente serão trazidos à consciência pelo restabelecimento, através do trabalho analítico, das ligações intermediárias que são as recordações verbais". Na versão brasileira das obras completas de Freud, o texto foi traduzido do seguinte modo: "A pergunta 'Como uma coisa se torna consciente?' seria assim mais vantajosamente enunciada: 'Como uma coisa se torna pré-consciente?' E a resposta seria: 'Vinculando-se às representações verbais que lhe são correspondentes'" (Freud, 1923).

⁶ *Benedito*, p. 4.

⁷ Existe também uma versão francesa (*L'Inconscient et la Peinture* – 1976).

⁸ *Benedito*, p. 6. O texto de Sechehaye pertence ao livro *La Réalisation Symbolique*, p. 7.

⁹ *Benedito*, p. 9.

¹⁰ *Benedito*, p. 10.

¹¹ *Benedito*, p. 15.

¹² Este artigo encontra-se no livro *A Prática da Psicoterapia* (volume XVI/1).

¹³ Este artigo faz parte do livro *O Espírito na Arte e na Ciência* (volume XV).

¹⁴ Idem.

¹⁵ As linhas gerais da abordagem de Jung acerca da expressão plástica aparecem resumidas da página 134 à 136 do livro *Imagens do Inconsciente* e da página 85 à 87 do livro *O Mundo das Imagens*.

¹⁶ Trata-se do volume VIII/1 das obras completas.

¹⁷ Este artigo encontra-se em *Psicogênese das Doenças Mentais* (volume III).

¹⁸ *Benedito*, p. 21.

¹⁹ Os dois textos encontram-se no livro *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (volume IX).

²⁰ Os três artigos fazem parte do livro *Estudos Alquímicos* (volume XIII).

²¹ *Benedito*, p. 25.

²² Este artigo encontra-se no volume V de *Progress in Clinical Psychology*.

²³ *Benedito*, p. 32.

²⁴ No *Benedito* esta obra aparece sem o ano de referência.

²⁵ Neste trabalho, Nise da Silveira se posiciona de maneira enfática contra a prática da lobotomia. Parte desse artigo encontra-se publicado no livro *O Mundo das Imagens* da página 23 à 27.

²⁶ *Benedito*, p. 36.

²⁷ As experiências levadas adiante no Museu de Imagens do Inconsciente encontram-se relatadas por Nise da Silveira em *20 Anos de Terapêutica Ocupacional em Engenho de Dentro (1946-1966)*, pp. 139-141, e no livro *Teoria e Prática da T.O.*, pp. 46-48.

²⁸ *Benedito*, p. 36.

²⁹ *Benedito*, p. 38.

³⁰ *Benedito*, p. 40 – grifo no original.

³¹ Idem.

³² Idem.

³³ Idem, p. 39.

³⁴ *Benedito*, p. 43.

³⁵ De acordo com Umberto Eco, os maneiristas não conseguem perceber sentido na beleza retratada pelos artistas clássicos. Cabe então ao maneirista, aparentemente, utilizar os mesmos modelos dos clássicos, mas subvertendo suas regras. A oposição pretendida pelos maneiristas ocorre quando "suas figuras se movem no interior de um espaço irracional e deixam emergir uma dimensão onírica" (Eco, 2004, p. 220).

³⁶ *Benedito*, p. 43.

³⁷ Há, ainda, uma última página no *Benedito* com uma lista de oito obras de estudos sobre desenhos de crianças: *Psychanalyse infantile* (Sophie Morgenstern – 1937); *Art and regeneration* (Marie Petrie – 1946); *Le dessin de l'enfant* (M. Prudhommeau – 1947); *Psicologia da infância* (Sylvio Rabello – 1943); *O espaço do desenho: a educação do educador* (Ana Angélica Albano Moreira – 1984); *The psychology of children's drawings* (Helga Eng – 1954); *Comprehension de l'art enfantin* (Arno Stern – 1959); e *Peintures et dessins collectifs des enfants* (V. Langevin et J. Lombard – 1950). A abordagem de Nise da Silveira no tratamento de crianças, efetuado no início da Seção de Terapêutica Ocupacional, será estudada no projeto de pesquisa *Livre Expressão, Cidade, Saúde e Educação*, coordenada por Walter Melo na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), tendo como auxiliares de pesquisa Marcelo Marchiori, Pollyana Andrade e Wagner Oliveira.

³⁸ *Benedito*, p. 48.

³⁹ Atual Instituto Municipal de Assistência à Saúde (IMAS) Nise da Silveira.